

UM PASSEIO MÍSTICO BIOGRÁFICO DE ALEISTER CROWLEY EM PROMETHEA, DE ALAN MOORE E J. H. WILLIAM III

Nataniel dos Santos Gomes¹

Suellen Cordovil da Silva²

RESUMO

Promethea, de Alan Moore e J.H. William III, apresenta algumas relações com o místico Aleister Crowley. Nosso objetivo geral é investigar as referências de Crowley e suas relações históricas, religiosas e filosóficas em *Promethea*. Dessa forma pretende-se conhecer a vida e obra de Crowley que são exploradas nos quadrinhos em questão. Analisa-se, no ponto 12 da *graphic novel*, a qual apresenta um caminho biográfico de Crowley em conversa com a jornada da protagonista Promethea. Estabelecem-se as relações com a vida do autor com uma discussão sobre religião e filosofias apontadas pelo místico, na arte dos quadrinhos, com o roteiro de Alan Moore. Nesse artigo são brevemente descritos os autores analisados: Aleister Crowley e Alan Moore. Em seguida, é discutido o contexto dos estudos dos quadrinhos, com especial atenção à obra *Promethea*, que será analisada. O foco principal é evidenciar a narrativa em quadrinhos como um meio de compreender o caminho místico biográfico de Aleister Crowley, reimaginado por Alan Moore, juntamente em diálogo com a jornada de Promethea por meio do Tarô.

Palavras-chave: Alan Moore. Aleister Crowley. Promethea.

A MYSTICAL TOUR BIOGRAPHICAL OF ALEISTER CROWLEY IN PROMETHEA, BY ALAN MOORE

ABSTRACT

Promethea, by Alan Moore and J. H. William III, presents some relationships with the mystic Aleister Crowley. Our general objective is to investigate Crowley's references and their historical, religious and philosophical relationships in *Promethea*. In this way, we intend to learn more about Crowley's

1- Pós-doutor em Língua Portuguesa (UERJ), Doutor em Linguística (UFRJ), professor da graduação e pós-graduação (UEMS), líder do Núcleo de Pesquisa em Quadrinhos (NuPeQ) e membro da Associação de Pesquisadores em Arte Sequencial (ASPAS). E-mail: nataniel@uems.br

2- Pós-doutora em Letras (UEMS), Doutora em Letras (UFSM), professora da graduação (Unifesspa). E-mail: suellen@unifesspa.edu.br

life and work, which are explored in the comics in question. It is analyzed, in point 12 of the graphic novel, which presents a biographical path of Crowley in conversation with the journey of the protagonist Promethea. Relationships with the author's life are established with a discussion about religion and philosophies pointed out by the mystic, in the art of comics, with the script by Alan Moore. This article briefly describes the authors analyzed: Aleister Crowley and Alan Moore. Next, the context of comics studies is discussed, with special attention to the work Promethea, which will be analyzed. The main focus is to highlight the comic narrative as a means of understanding the biographical mystical path of Aleister Crowley, reimagined by Alan Moore, together in dialogue with Promethea's journey through the Tarot.

Keywords: Alan Moore. Aleister Crowley. Promethea.

INTRODUÇÃO

A *graphic novel Promethea*, de Alan Moore e Williams III, apresenta diversas referências ao místico Aleister Crowley. A obra em questão apresenta pontos de contato com Crowley. Por essa razão surgiram os seguintes questionamentos: Quais são os possíveis diálogos biográficos que *Promethea*, de Alan Moore e J.H. Williams III, estabelece com Aleister Crowley? Como analisar as referências de Crowley no número 12 de *Promethea*?

Dessa forma, a partir de uma perspectiva ensaística, analisa-se *Promethea* em relação com a vida mística-religiosa de Aleister Crowley, pois, na narrativa encontra-se em torno de 155 referências ao místico. A obra faz uma recriação da vida de Aleister Crowley. Assim, as relações comparativas da vida de Crowley visualizadas nos quadrinhos ajuda-nos a interpretarmos melhor as páginas do ponto 12.

Depois, o nosso estudo baseia-se em trabalhos acadêmicos sobre quadrinhos, como *The system of comics*, de Thierry Groensteen, *Estrutura narrativa nos quadrinhos*, de Barbara Postema, e *A linguagem dos quadrinhos*, de Daniele Barbieri, dentre outros. Desse modo, analisar os quadrinhos e suas interfaces com a biografia de Crowley é uma forma de interpretar a aventura da personagem Promethea. Essas relações são importantes para obtermos novos olhares da visão mística e histórica de Alan Moore em *Promethea*.

Depois, destaca-se alguns apontamentos relacionados aos estudos em quadrinhos e uma breve apresentação de *Promethea*. Descreve-se o número 12 de Promethea e analisamos os pontos de contato da obra com a vida de Crowley. Utiliza-se algumas análises comparativas com a história e biografia de Crowley que foram recriadas na obra.

ESTUDOS DOS QUADRINHOS

As histórias em quadrinhos apresentam pontos que precisam ser discutidos ao longo da análise do trabalho, principalmente o estudo da estética dos quadrinhos como um veículo de expressão criativa, que desenvolve as imagens e as palavras. As histórias em quadrinhos são uma forma de linguagem e podem ser vistas como um processo de “solidariedade icônica” conforme Groensteen (2015).

Dessa forma, a questão de sucesso ou fracasso deste processo metodológico de comunicabilidade depende da crítica do leitor, que avalia o significado e reconhece um certo impacto visual diante das leituras das imagens com o texto, “a competência da representação e a universalidade da forma escolhidas são cruciais. O estilo e a adequação da técnica são acessórios da imagem e do que ela está tentando dizer.”³

Eisner (2005) apresenta o *layout* da página de história em quadrinhos como uma forma de carregar uma técnica de desenho e cores que chamam a atenção dos leitores, assim como a relação de interação da obra com o leitor por meio das imagens. Ele trata do processo de contar histórias e menciona o processo de interação do leitor com os quadrinhos que é uma extensão dos quadrinhos:

No caso do texto, o ato de ler envolve uma conversão de palavras em imagens. Os quadrinhos aceleram esse processo fornecendo as imagens. Quando executados de maneira apropriada, eles vão além da conversão e da velocidade e tornam-se uma só coisa. Em todos os sentidos, essa forma de leitura recebe erroneamente o nome literatura apenas porque as imagens são empregadas como linguagem. Existe uma relação facilmente reconhecível com a iconografia e os pictogramas da escrita oriental.⁴

De acordo com Eisner (2005), existem três diferenças neste processo de leitura das narrativas gráficas, a saber: “uma descrição genérica de qualquer narração que usa imagens para transmitir ideias. Os filmes e as histórias se encaixam na categoria das narrativas gráficas”, enquanto que os quadrinhos são “a disposição impressa de arte e balões em sequência, particularmente, como é feito nas revistas em quadrinhos”⁵ e a arte sequencial, por sua vez, configura-se como uma série de imagens dispostas em sequência.

3- EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 14.

4- EISNER, Will. **Narrativas Gráficas**. São Paulo: Devir, 2005. p. 9.

5- EISNER, Will. **Narrativas Gráficas**. São Paulo: Devir, 2005, p.10.

No processo de desenvolver os quadrinhos dos artistas, de acordo com McCloud, observamos a utilização do momento, enquadramento, imagens, palavras e o fluxo da história ou imagens justapostas. Isso pode ser uma combinação com efeitos, por isso é considerada uma espécie de ilusão visual. McCloud (1995) argumenta que conhecemos o nosso redor por meio das experiências vividas pelos nossos sentidos. Desta forma, podemos compreender um mundo fragmentado e incompleto. O autor afirma que “mesmo uma pessoa muito viajada só pode ver partes do mundo durante uma existência. Nossa percepção da ‘Realidade’ é um ato de fé baseado em meros fragmentos.”⁶ Já a perspectiva de Barbieri (2017) apresenta um entendimento de movimento na construção da narrativa gráfica.

Petersen (2011) descreve: “Narrativas gráficas muitas vezes têm uma qualidade didática na maneira como parecem moralizar sobre as ações que retratam – ou para exaltar alguma virtude ou, através de um exemplo negativo, para exibir algum comportamento desprezível.”⁷ A leitura visual foi intensificada ao longo dos anos com crescimento tecnológico dos textos que eram mais comuns para os trabalhos cotidianos. Entre 1965 e 1990 surgiu um movimento *underground* nos quadrinhos com um conteúdo “adulto”. Os temas subversivos para a época começaram a ser um desafio para os autores e artistas da nona arte.

As narrativas gráficas não descrevem apenas o mundo real, depois de uma moda; elas tendem a ser figurativas, concentrando-se especialmente em maneiras de descrever um corpo em movimento. A figura humana fornece ao leitor um veículo para empatia emocional.⁸

Groensteen desenvolve uma ideia de “solidariedade icônica” para um melhor entendimento da narrativa gráfica. Após o leitor passar por um processo de empatia diante da obra, observamos que Paths fornece um meio para o leitor classificar as informações complexas da composição em uma hierarquia significativa de importância relativa. Os

6- **Desvendando os quadrinhos.** Trad. Hélcio de Carvalho, Maria do Nascimento Paro. São Paulo: Makron Books, 1995, p. 62.

7- Graphic narratives often have a didactic quality in the way they seem to moralize about the actions they depict—either to extol some virtue or, through a negative example, to display some contemptible behavior. (Tradução nossa.) PETERSEN, Robert S. **Comics, Manga, and Graphic Novels.** A History of Graphic Narratives. Praeger: California, 2011. p. 16.

8- The real world, after a fashion; they tend to be figurative, focusing especially on ways of describing a body in motion. The human figure provides the reader with a vehicle for emotional empathy. (Tradução nossa.) PETERSEN, Robert S. **Comics, Manga, and Graphic Novels.** A History of Graphic Narratives. Praeger: California, 2011. p. 17.

artistas usam essas estratégias da mesma forma que um mágico usa truques para direcionar os olhos do espectador para criar uma ilusão.⁹

A seguir apresentaremos *Promethea*, antes de entrarmos na análise propriamente dita.

PROMETHEA

Promethea foi uma saga em quadrinhos estadunidense, roteirizada por Moore, desenhada por J.H. Williams e com arte-final de Mick Gray, publicada em *American's Best Comics/Wildstorm*. A saga tem 32 revistas publicadas entre os anos de 1999 e 2005. Para nosso estudo, elegemos a edição definitiva ou *Absolute edition book* publicada em 2009 em inglês, que foi traduzida para o português por Octavio Aragão e publicada pela Panini Books em 2015.

Alan Moore domina a arte da escrita em seu próprio jeito artístico. Curiosamente, aos quarenta anos assumiu ser um mago para a sua família, o que tem muita relação com as referências Crowley em *Promethea*. Essa afinidade é descrita no documentário *The Mindscape of Alan Moore*, em que ele assevera que “quando cumprimos a vontade do nosso verdadeiro eu, nós estávamos inevitavelmente cumprindo com a vontade do universo. Na magia, ambas as coisas são indistinguíveis”¹⁰, o que faz sentido já que ele compreende que um artista é como um xamã. No prefácio do livro *Alan Moore: O mago das histórias*, organizado por Gary Spencer Millidge (2012) destaca que

Um xamã é, entre outras coisas, um visionário que age em nome das pessoas, traduzindo todas as suas emoções, medos, esperanças e aspirações em palavras e imagens. O xamã empreende a jornada que os outros ou não chegaram a pensar, ou têm medo de fazer por conta própria. O xamã assume riscos, expressa ideias, conta histórias e, com frequência, compõe músicas em nome do resto de nós. Muitos acreditam que nossos poetas funcionam como xamãs, mas eu acho que certos artistas populares também cumprem essa função, incluindo os melhores compositores e letristas¹¹

9- Paths provide a means for the reader to sort the complex information of the composition into a meaningful hierarchy of relative importance. Artists use these strategies just as a magician uses sleight of hand to direct the eye of the viewer to create an illusion. (Tradução nossa.) PETERSEN, Robert S. **Comics, Manga, and Graphic Novels**. A History of Graphic Narratives. Praeger: California, 2011. p. 21.

10- MOORE, Alan. **The Mindscape of Alan Moore**. Direção: Zen Vylenz, Produção: Dez Vylenz, London, 34min 2013.

11- (MILLIDGE, 2012, p. 8)

Moore reatualiza obras de outros artistas, de modo que faz menções diretas e indiretas em seus enredos oriundo de outros autores variados. Além disso, Moore estabelece um retorno ao passado histórico desses autores em seus trabalhos, de modo a reinventar o antepassado por meio dos quadrinhos. Dessa forma, *Promethea* segue de um modo didático esses retornos aos autores abordados numa construção visual e poética da linguagem, tal como pode ser observado ao longo dos diálogos.

A saga em quadrinhos trata de uma jornada da personagem Sophia Bangs em conhecer a origem e os caminhos da personagem mitológica Promethea. Dessa forma, o percurso dado por Promethea para o treinamento de Sophia que será a futura Promethea é de suma importância para a compreensão da religião em si. O caminho de Sophia Bangs apresenta uma série de aprendizados em relação à construção das relações e a construção das religiões ao longo dos tempos para a humanidade. Assim, Moore entende que a união dos princípios da vontade e da imaginação, geram a criatividade. A imaginação, a vontade pessoal e a criatividade são temas importantes nos trabalhos de Moore.

A imaginação é explanada por meio de formas didáticas de experiências místicas. Por exemplo, a cabala é uma forma de representar a composição da religião por meio dos caminhos traçados nos painéis na saga. Assim, cada número da história em quadrinho apresenta um caminho da cabala. Porém, em cada um número observamos uma fusão de religiões como uma forma de explicação para existência e o desenvolvimento da imaginação da humanidade.

Moore constrói seus enredos com *layouts* de página dupla, que era o que os ilustradores e capistas mais se identificavam na obra. O conjunto de imagens à direita de *Promethea* não são apenas desenhos aleatórios, são hieróglifos egípcios e símbolos esotéricos que contam uma história mística da jornada da heroína a qual entra em comparação com a jornada de Crowley no ponto 12.

O CAMINHO BIOGRÁFICO DE ALEISTER CROWLEY EM *PROMETHEA*

Promethea faz-se uma jornada do tarô como analogia à vida de Crowley. Promethea como Sophia Bangs entra em uma espécie de teatro mental para compreender a magia por meio das cartas do tarô. Apresenta-se uma forma de entendimento da magia com explicação do cajado da personagem com as duas cobras de nomes Mike e Mark. Esses dois personagens convidam Promethea a viajar por meio de um caminho mágico entre a Terra e o universo ou “uma

erupção estrelada”.¹²

O enredo destaca uma evolução com relação aos valores da existência em suas diversas graduações interpretativas como um oráculo por meio de cada carta do tarô. Assim, observa-se a relação da jornada da heroína com os momentos históricos de Crowley como uma espécie de homenagem ao autor. Dessa forma, nas partes do meio para baixo das páginas na narrativa no ponto 12.

Promethea tem os quadros que entram em um processo de fluidez e o leitor segue um caminho instável e não repetitivo como se normalmente é esperado pelos quadrinhos de sua época. Logo, existe uma dialética entre escritor, obra e público/leitor. Ainda sobre o processo de leitura quadrinística, existe uma conexão de múltiplas compreensões nesta interação. Por exemplo, Crowley é apresentado desde o início como feto na primeira página até o esqueleto do autor em transmutação na última página. A recriação da biografia de Crowley é apresentada nessa jornada de *Promethea*, principalmente nas construções das imagens nas páginas duplas. Baseia-se, aqui, com as interpretações de *Jung e o Tarô, uma jornada arquetípicas* (2007), de Salie Nichols.

A página 1 do ponto 12 segue um início do de vida de Crowley até a sua morte com a última página do ponto, fechando o ciclo de vida. Essa relação com o nascimento e morte em comparação com a primeira e última página sugere uma jornada ou ciclo de vida e morte. Assim, segue-se os pontos desenvolvidos da vida do mago Crowley ao longo das partes inferiores das páginas, em especial, as quais destacam-se mais diretamente com a biografia de Crowley como ocultista britânico cuja vida e obra influenciaram profundamente a magia ocidental, o misticismo e a espiritualidade do século XX.

Moore e Crowley são abertos para um emaranhado de possibilidade do ocultismo e suas reverberações em obras de artes que se entrecruzam em suas buscas espirituais ou mágicas. Desse modo, Moore revisita a biografia e a bibliografia de Crowley para recriá-las no enredo de *Promethea* de forma análoga ao percurso de *Promethea* pela jornada do tarô pela arte de J.H. William III. Logo, a biografia de Crowley serve para descobrir mais a cerca de seus trabalhos e ações que receberam críticas diversificadas e reverberadas no quadrinho em questão. Grande parte dos trabalhos de Moore pode-se encontrar referências a Crowley.

12- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**: Edição definitiva. v. I. São Paulo: Panini, 2015. p. 305.

Edward Alexander Crowley ou Aleister Crowley nasceu em 12 de outubro de 1875, em Leamington Spa, Warwickshire, Inglaterra. Crowley estudou na Trinity College, Cambridge de 1895 a 1898. Durante esse tempo, Crowley foca suas leituras voltadas à filosofia e à alquimia, enquanto se exercita na canoagem, no ciclismo, no montanhismo e no xadrez. Em 1898, Crowley abandonou os estudos formais. Ele retomou os estudos por volta de 1896, nesse tempo Crowley havia iniciado a leitura de alguns livros sobre magia e misticismo, como por exemplo fez a leitura de *Nuvem sobre o Santuário*, obra recomendada por A. E. Waite (1867-1940), que trata do ocultismo e da magia. Ele ainda fez parte da Ordem Hermética da Aurora Dourada, depois fundou uma doutrina ou filosofia chamada de Thelema.

Ele recebeu críticas por ser contrário às práticas morais e religiosas as quais estava cercado e era pressionado no seu contexto familiar para participar do contexto conservador da uma vertente cristã fundamentalista. Todas as fases da vida de Crowley estão recriadas na história em *Promethea*, conforme dito anteriormente.

Já o roteirista Alan Moore conquistou seu espaço no universo de escritores premiados. *Watchmen* aparece como uma obra presente na lista dos cem melhores romances eleitos pela revista *Time*. Dentre os diversos pontos sobre a vida de Moore, apresentaremos as suas leituras de Crowley visando obter alguma possibilidade de relação com seus trabalhos.

Nas páginas dos quadrinhos trazem e seguem sete momentos importantes da vida do ocultista via a jornada do tarô. O primeiro momento nos quadrinhos destacam-se os primeiros anos de Crowley. Desde jovem, ele mostrou interesse por temas esotéricos e religiosos. No segundo ponto, Moore destaca a educação e o início no ocultismo de Crowley, que estudou na Universidade de Cambridge, onde se aprofundou em filosofia, literatura e espiritualidade, conforme dito anteriormente.

Crowley viajou extensivamente pelo mundo, buscando experiências espirituais e práticas ocultas em países como Egito, Índia, México e muitos outros. Ele escreveu numerosos livros sobre magia, misticismo, religião e filosofia, incluindo obras fundamentais como *The Book of the Law* e *The Book of Thoth*. Além disso, Crowley era uma figura controversa devido a suas práticas consideradas extremas e seu estilo de vida não convencional. Ele defendia a liberdade individual e a autodeterminação espiritual, o que o levou a ser visto como um dos primeiros a adotar uma filosofia de vida verdadeiramente libertária.

Já no fim da vida, Crowley faleceu em 1º de dezembro de 1947, na Inglaterra. Após sua morte, sua influência continuou a ser sentida,

especialmente entre artistas, escritores e figuras culturais que foram inspirados por seus ensinamentos sobre espiritualidade e magia.

A capa de número 12 de *Promethea* “The magic theatre: a pop art happening” [O teatro mágico: a arte pop acontecendo] juntamente com a primeira página a seguir inicia a jornada da personagem Promethea. Nessa página inicia-se o processo de descobrimento da vida do mago Crowley e de sua aprendizagem histórica por meio dos arcanos do tarô, e os quadros trabalham numa “solidariedade icônica” conforme apontado por Groensteen (2015):

Figura 1: Capa e começo de jornada



13

Na segunda página observa-se o começo com a carta do louco. Crowley descreve o início do ocultista como um bebê, criança e adolescente, o personagem Mike afirma que “viemos de espelhos, viemos de fumaça. Aleister Crowley faz uma graça, a qual, caso seja decifrada, ouvimos dizer, fará a magia clara como o amanhecer.”¹⁴ Já a seguir o personagem de Crowley como adolescente diz “Havia dois homens dividindo um vagão de trem...” até

13- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**. Wildstorm: Uk, 1999.

14- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**: Edição definitiva. v. I. São Paulo: Panini, 2015. p. 306.

que Promethea questiona se isso faz sentido para a linha de pensamento da jornada do tarô.

Depois o personagem Crowley é apresentado com a sua roupa ou bata preta com uma cruz vermelha no peito, destacando-se a seguir uma forma de iniciação como mago que representa a segunda carta do tarô após a carta do louco. Nessa etapa, Crowley no quadrinho diz: “Eles não se conheciam apenas viajaram juntos por acaso.”¹⁵ As cartas do louco e do mago não são semelhantes, no entanto apresentam caminhos iniciáticos de magia na mesma jornada mística, explicando conforme as páginas a seguir:

Figura 2: Crowley na infância e adolescência



16

Promethea discute a ideia do início do universo com a “imenso ejaacular de energia”.¹⁷ Porém, a carta da sacerdotisa como número dois revela a mãe da matéria em construção, uma metáfora para as forças eletromagnéticas ou o sugerindo um *big bang* mental. Crowley abaixo da carta destaca-se com um

15- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**: Edição definitiva. v. I. São Paulo: Panini, 2015. p. 307.

16- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**. Wildstorm: Uk, 1999.

17- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**: Edição definitiva. v. I. São Paulo: Panini, 2015. p. 308.

vestido branco sob uma espécie de cratera e afirma: “Um dos homens tinha, descansando em seu colo, uma caixa de cartolina, com buracos na tampa.”¹⁸

A terceira carta da imperatriz traz o conceito da fertilidade e apresenta Crowley segurando uma criança que possivelmente seja a sua filha ou a sua irmã que faleceu após cinco horas, como um sinal de memória, seguindo-o, como uma onda atrás dele. O personagem Crowley nos quadrinhos diz: “Depois de algum tempo contemplando o que poderia estar dentro da bagagem de mão, o outro homem não pôde mais conter a curiosidade”,¹⁹ assim a viagem de Promethea contempla essa onda de acontecimentos do místico, comparando com a sua vida:

Figura 3: Crowley em sua iniciação e descoberta mística após a perda de sua irmã



20

Depois, a carta do imperador de número quatro apresenta uma estabilidade ou sentido de permanência entre o sol e a lua sob a Terra em paralelo com Crowley. No quadrinho, nota-se que ele está sentado não em um

18- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**: Edição definitiva. v. I. São Paulo: Panini, 2015. p. 308

19- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**: Edição definitiva. v. I. São Paulo: Panini, 2015. p. 309.

20- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**. Wildstorm: Uk, 1999.

trono, mas em um barco com um terno marrom e uma gravata borboleta rosa. Relacionando com a curiosidade da outra página, Crowley afirma que “ele disse: desculpe, mas não pude deixar de perceber a sua bagagem. Por acaso ela conteria algum animal?”²¹ No caso da próxima carta, o hierofante traz uma visão de evolução dos animais na página, por isso Crowley fez a pergunta anteriormente.

Compara-se na página a seguir com a criação da Ordem Hermética da Aurora Dourada que é uma sociedade secreta que foi criada em 1888, na Inglaterra. Ela é entendida como uma vertente do esoterismo. A importância dessa ordem foi uma forma de explicar a relação da ciência com a magia para Crowley. Os processos históricos começaram a realizar essa separação da ciência e magia gradativamente. Essa Ordem Hermética tenta unir todas as filosofias a fim de compreender melhor os conceitos da existência humana.

Dessa forma, a tradição foi resgatada e mesclada com os estudos da cabala e magias cerimoniais, assim o ocultista Éliphas Lévi criou esse formato para compreender as relações das diversidades misteriosas do Universo com o Indivíduo. Os rituais da ordem em questão trazem cabala, tarô, alquimia, astrologia dentre outros elementos místicos.

Assim, na parte debaixo da página Crowley parece com um rosto jovial cercado de animais e diz “O outro homem, apesar de surpreso pela intrusão impertinente de um estranho, sorriu, cortês, ao responder...”²², dessa forma, as descobertas de Crowley em suas viagens e conquistas esportivas o fazem ver como uma “bagagem cultural”:

21- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**: Edição definitiva. v. I. São Paulo: Panini, 2015. p. 310.

22- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**: Edição definitiva. v. I. São Paulo: Panini, 2015. p. 311.

Figura 4: Crowley em seu barco e suas viagens cotidianas



23

No caso, *Promethea* revela o processo evolutivo por trás das cartas dos amantes de número seis e do carro de número sete. Ela revela que a encruzilhada dos sentimentos do homem moderno em união com mulher gerou uma nova viagem do homem moderno com o seu destino em sua carruagem. Crowley, na página, é visto deitado em um jardim nas duas páginas na primeira afirma que “ele disse: você está absolutamente certo. Existe mesmo uma criatura dentro dessa bagagem.” E depois na outra página o mago Crowley diz que “...e, ademais, posso dizer, o animal em questão é um magusto”²⁴. Isso, remete uma expressão de viajante que o mago tinha e se aproxima a construção mítica de Promethea. Assim, Crowley, na idade jovem, está cercado como um jardim florido a seguir:

23- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**. Wildstorm: Uk, 1999.

24- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**: Edição definitiva. v. I. São Paulo: Panini, 2015. p. 312.

Figura 5: Crowley em sua juventude



25

Nessa jornada de Crowley juntamente com Promethea observa-se as páginas da carta da justiça de número oito e a do eremita de número nove. A primeira com uma mulher vendada com a balança carregando de um lado do demônio e do outro um anjo, enquanto que o eremita é um feto em formação com a sua luminária entre uma diversidade. Nessas duas páginas da viagem mística, Crowley aparece logo abaixo em uma sequência de dez quadros em uma sequência cromática do quase rosa até o lilás e depois retoma esse ciclo para a cor rosa novamente.

Crowley afirma na página da justiça que “O primeiro homem, que teria indiciado o inquerito, foi assombrado por essa revelação”²⁶ e em seguida diz

25- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**. Wildstorm: Uk, 1999.
 26- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**: Edição definitiva. v. I. São Paulo: Panini, 2015. p. 314.

em relação ao personagem da caverna “Crepitando de surpresa, ele solicitou mais explicações a respeito dessa com certeza provocativa revelação de seu estranho companheiro de viagem...”²⁷ No centro da página abaixo, nota-se Crowley preso na caverna e sentado em posição fetal, por trás dos quadros multicoloridos. Nas páginas a seguir verifica-se um jogo de renascimento ou reconstrução de ideias filosóficas de Crowley dando uma aparência lenticidã:

Figura 6: Jogo cromático de vida de Crowley



28

Já na representação da carta da roda da fortuna com o número 10 e o da luxúria ou força com o número 11, averigua-se uma história da civilização em mudança. Esse é um sinal de amadurecimento da identidade de Crowley com uma roupa e um fundo egípcio diz: “Um mangusto? Senhor que esperava talvez um gato, ou um coelho, não uma criatura tão exótica e remota.”²⁹ Na outra página, nota-se o berço da civilização grega de fundo e todo o seu apogeu com ideia da personagem feminina sob um leão, assim Crowley com os seus cabelos brancos, segurando o seu queixo afirma que “O animal que você

27- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**: Edição definitiva. v. I. São Paulo: Panini, 2015. p. 315.

28- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**. Wildstorm: Uk, 1999.

29- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**: Edição definitiva. v. I. São Paulo: Panini, 2015.p. 316.

menciona excita minha curiosidade a tal ponto que lhe suplico, senhor, conte mais. Como o senhor está ligado a tal espécime, se me perdoa a audácia”,³⁰ com isso as culturas das civilizações antigas são de suma importância para entender alguns movimentos bruscos e violentos da humanidade:

Figura 7: Crowley e suas visões diante da civilização egípcia e grega



31

Diante desse momento, a imagem ou arcano do enforcado de número 12 do tarô de Promethea surge amarrado com um pé só de cabeça para baixo, sem esperanças inicialmente e aguardando uma situação se findar, e Crowley está cercado por uma cidade em chamas e fumaça, assim ele destaca que “o outro homem, sentado com a caixa perfurada no colo, deu de ombros, cansado, enquanto respondia.”³² Já na carta da morte de número 13, trata-se de recomeços com o uso de sua foice para colher o melhor do que foi desenvolvido metaforicamente. Crowley diz “bem, disse ele, é meio que um problema de cunho pessoal, já que diz respeito a uma tragédia de família”,³³ o

30- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**: Edição definitiva. v. I. São Paulo: Panini, 2015. p. 317.

31- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**. Wildstorm: Uk, 1999.

32- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**: Edição definitiva. v. I. São Paulo: Panini, 2015. p. 318.

33- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**: Edição definitiva. v. I.

que pode estar relacionado ao seu destino com sua família em questão, no caso o divórcio com Kelly. Sua esposa destaca uma parte importante da vivência mística de Crowley.

Nessa proposta representativa, Crowley cria o seu “Livro da Lei” que propõe uma filosofia ou tratado chamado Thelema. Após muitos anos trabalhando com a Ordem, em 1904, Crowley tem um *insight* ao longo de suas viagens. Em uma lua-de-mel com a sua esposa Rose Kelly, Crowley descobre um por meio de uma conversa com sua esposa que o deus egípcio Hórus precisava do apoio de Crowley para desenvolver o seu “Livro da Lei” (*Liber Al Vel Legis*). Assim, o místico escreve esse livro que apresenta uma nova interpretação mística com liturgias e palavras mágicas para o entendimento da Era de Aquário. Com isso, as maiores leis eram “faze o que tu queres há de ser o todo da lei” e “Amor é a Lei, amor sob vontade”. A vontade era considerada o livre-arbítrio. Segundo Victor Cei no seu prefácio para *Os livros Sagrados de Thelema* (2018) afirma que:

A lei de thelema não deve ser interpretada como uma licença para a realização de qualquer capricho individual, mas como uma missão para se encontrar sua verdadeira vontade, o propósito da sua vida, permitindo que todos possam percorrer seu autêntico caminho individual.³⁴

Os Livros Sagrados de Thelema são uma união dos mais importantes livros escritos por Aleister Crowley entre 1907 e 1911. Esses textos tratam da criação da filosofia de Crowley e contrária de uma visão judaico-cristã. A obra desenvolve-se com 14 livros sagrados. As páginas a seguir demonstram pontos de esperas infundáveis e recomeços após crises:

São Paulo: Panini, 2015. p. 319.

34- CROWLEY, Aleister. **Os livros sagrados de Thelema**. Tradução Vitor Cei. São Paulo: Madras, 2018. p. 13.

Figura 8: Crowley em tempos de crises



35

Para o arcano do tarô da arte ou temperança de número 14 apresenta a comparação com a obra Mona Lisa ou A Gioconda de Leonardo da Vinci. Essa pintura descreve o período da renascença e que também reverbera no caminho de Crowley, sentado em um caixote agora como pintor, diz “Por outro lado, como sou um homem seguro, posso conferir em sua discrição, creio que posso compartilhar meu infortúnio com você.”³⁶

Na página seguinte o arcano do diabo destaca-se pelo campo do material e Crowley com o seu chapéu famoso em formato de triângulo menor e amarelo no centro deste afirma que “Veja bem, o homem prosseguiu, essa triste história diz respeito a meu irmão mais velho...”³⁷ Ao fundo verifica-se engrenagens do mundo à vapor que começa a ser evidenciado na humanidade. Aqui, explica-se o conflito que Crowley tinha entre a espiritualidade e a materialidade e ao mesmo tempo incomodava muitas pessoas. Crowley vê na arte e na magia seu impulso para viver:

35- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**. Wildstorm: Uk, 1999.

36- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**: Edição definitiva. v. I. São Paulo: Panini, 2015.p. 320.

37- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**: Edição definitiva. v. I. São Paulo: Panini, 2015.p. 321.

Figura 9: Crowley, a arte e a magia



38

A torre é o arcano número 16. Consta-se uma forma de reconstrução em um processo de rigidez, assim interpreta-se Crowley, com uma aparência de senhor de mais idade e acinzentado, em sua fala que “Ele sempre foi o que, suponho, você chamaria de ovelha negra da família”.³⁹ Esses julgamentos de Crowley recebem o caminho do arcano da estrela que traz um pedido de ajuda e compreensão melhor de si, pois a carta de número dezessete destaca-se pela leveza da terra e os rios profundo do inconsciente e assim Crowley, de costas fumando e cercado por estrelas, afirma que “ele foi displicente por muitos anos com uma lista de vícios previsível e prosaica, dos quais o pior era sua predileção por espíritos fortes...”⁴⁰ Crowley reconstrói suas interpretações religiosas:

38- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**. Wildstorm: Uk, 1999.

39- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**: Edição definitiva. v. I. São Paulo: Panini, 2015. p. 322.

40- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**: Edição definitiva. v. I. São Paulo: Panini, 2015. p. 323.

Figura 10: Crowley e suas visões místicas em reconstrução



41

Depois, na releitura interpretativa de vida de Crowley nas profundezas da carta da Lua de número 18 apresenta-se como um personagem cercado pelo símbolo nazista e com um chapéu vermelho afirma que “seu alcoolismo progrediu até esse ponto, pois agora ele chegou ao estágio final e melancólico do *delirium tremens*”.⁴² A seguir, tem-se a carta do sol que traz luz para o entendimento da jornada espiritual de todos. Crowley, com um rosto cabisbaixo e rodeado com um pano de fundo de uma variedade de códigos religiosos e os temas do ocultismo representado pela serpente, comenta que “Meu irmão agora vê serpente por todo lado, e é esse o motivo pelo qual carrego esse mangusto, para que ele se livre delas”,⁴³ conforme é trabalhado nas páginas:

41- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**. Wildstorm: Uk, 1999.

42- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**: Edição definitiva. v. I. São Paulo: Panini, 2015. p. 324.

43- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**: Edição definitiva. v. I. São Paulo: Panini, 2015. p. 325.

Figura 11: Crowley, nazismo e a Ordem hermética



44

Na carta do julgamento de número vinte, Crowley aparece como imagem descritiva da carta em um cemitério com fantasma saindo de seus túmulos e ele pedindo silêncio com uma roupa lilás. Mike afirma que “Disse Crowley, quando não brincava, que esse aeon harpocrates evocava. O fim do mundo é regido, então, por seu cajado, harpocrates, deus do silêncio sagrado.”⁴⁵ Assim, logo abaixo na página, Crowley está deitado em sua cama cercado por símbolos de sua Ordem e diz “Desculpe-me, disse o outro homem, parecendo confuso, “mas essas cobras que seu irmão vê...não seriam imaginárias?”⁴⁶ assim as visões de Crowley deixam diversos ensinamentos e um deles é a liberdade de expressão por meio da magia individual manifestada no coletivo, explicando-se na página a seguir:

44- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**. Wildstorm: Uk, 1999.

45- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**: Edição definitiva. v. I. São Paulo: Panini, 2015. p. 326.

46- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**: Edição definitiva. v. I. São Paulo: Panini, 2015. p. 327.

Figura 12: Crowley em seu leito de morte



47

No arcano do universo, de número 21, representa uma semelhança com a vida de Crowley que significa uma fase de conclusão da jornada. Assim, Crowley na parte de baixo da página passa a estar fragmentado na imagem até receber a forma de caveira sendo levada pelo vento e afirma que “... é aqui ele fez um gesto prenhe de sentidos ocultos para a caixa perfurada em seu colo... e ... é um mangusto imaginário.”⁴⁸ Na página do arcano universo, Crowley passa por uma mutação para um esqueleto humano que transmuta a ideia de estrutura do corpo humano e social como início e final de uma fase da vida da existência humana. Na última página do número 12 apresenta Crowley em seu processo de desintegração corpórea, devido a sua morte física, no entanto os seus ensinamentos são apenas o começo de uma nova jornada para Promethea:

47- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**. Wildstorm: Uk, 1999.

48- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**: Edição definitiva. v. I. São Paulo: Panini, 2015. p. 328.

Figura 14: O final da jornada de Promethea pelo tarô e da vida de Crowley



Na última página conclui-se a jornada de Promethea pelos arcanos do tarô e conseqüentemente pela vida de Crowley. Assim, a imagem do místico se torna a forma de uma caveira que é levada pelo cosmos ou universo, essa parte foi baseada no esboço a lápis A.C. Dying of lady, feda Harries produzido em 30 de novembro de 1947.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho procurou-se investigar a representação de Crowley em *Promethea*. Com isso, foi feita uma tentativa ensaística de compreender o percurso de Crowley, conforme recriado por Alan Moore na história em quadrinhos de *Promethea* que destaca momentos de suma relevância para a construção da figura Aleister Crowley. Tentamos descrever brevemente os autores Aleister Crowley e Alan Moore analisados neste artigo. Depois, discutimos brevemente os estudos dos quadrinhos e a obra *Promethea*.

Por fim, evidenciou a narrativa em quadrinhos com o intuito de entender o caminho místico de Aleister Crowley, recriado por Alan Moore, juntamente com os resgates da jornada de aprendizagem do Tarô, proposto 49- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**. Wildstorm: Uk, 1999.

pelo roteirista. Em conclusão, a *graphic novel* *Promethea* de Alan Moore e J.H. Williams III, oferece um rico diálogo com a vida e a obra de Aleister Crowley. Essas referências são cruciais para compreender a narrativa mística-religiosa presente na obra. A análise dos quadrinhos em relação à biografia de Crowley, baseada em estudos acadêmicos como os de Thierry Groensteen, Barbara Postema e Daniele Barbieri, revela novas interpretações sobre os quadrinhos e contribui para uma leitura da personagem *Promethea* e a visão mística e histórica de Crowley. O número 12 de *Promethea* é particularmente significativo, pois recria e reflete aspectos da vida de Crowley, enriquecendo a compreensão da narrativa. Assim, as interfaces entre a biografia de Crowley e a obra de Moore proporcionam uma interpretação mais profunda e detalhada da *graphic novel*, destacando a importância dessas conexões na apreciação da narrativa de *Promethea*.

REFERÊNCIAS

- BARBIERI, Daniele. **As linguagens dos quadrinhos**. Trad. Thiago de Almeida Castor do Amaral. São Paulo: Peirópolis, 2017.
- CROWLEY, Aleister. **Os livros sagrados de Thelema**. Tradução Vitor Cei. São Paulo: Madras, 2018.
- CROWLEY, Aleister. **O livro da lei**. Rio de Janeiro. Editor: Ricardo Uchôa, 2018.
- CHARLOTE, Raika; CROWLEY, Aleister. **Tarot new vision**. USA, EISNER, Will. **Narrativas Gráficas**. São Paulo: Devir, 2005.
- EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- HOLLANDA, Carlos Manoel de. Revelações do Milênio e a Estética de *Promethea*, de Alan Moore e J. H. Williams III. In: RODRIGUES, Carlos. **Interseções acadêmicas: panorama das primeiras jornadas internacionais de histórias em quadrinhos**. São Paulo: Criativo, 2013.
- HOLLANDA, Carlos Manoel de. **O reencantamento do mundo em quadrinhos uma análise de *Promethea* de Alan Moore**. Tese. Universidade Federal do Rio de Janeiro Centro de Letras e Artes, Escola de Belas Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, área de concentração: história e teoria da arte, linha de pesquisa: imagem e cultura, 2013.
- GREEN, Matthew J. A. The end of the world That's a bad thing right? In: CLARK, Steve; CONNOLY, T; WHITTAKER, J. **Blake 2.0: William Blake in twentieth – Century Art, Music and Culture**. New York: Palgrave Macmillan, 2012. p. 175-176.

- GROENSTEEN, Thierry. **O Sistema dos Quadrinhos**. Trad. Érico Assis e Francisca Ysabelle Manríquez Reyes. Rio de Janeiro: Marsupial, 2015.
- PETERSEN, Robert S. **Comics, Manga, and Graphic Novels**. A History of Graphic Narratives. Praeger: California, 2011.
- POSTEMA, Barbara. **Estrutura Narrativa nos Quadrinhos**: Construindo sentido a partir de fragmentos. Traduzido por Gisele Rosa. São Paulo: Peirópolis, 2018.
- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**: Edição definitiva. v. I. São Paulo: Panini, 2015.
- McCLOUD, Scott. **Desenhando quadrinhos**. São Paulo: Makron Books, 2008.
- McCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. Trad. Hércio de Carvalho, Maria do Nascimento Paro. São Paulo: Makron Books, 1995.
- McCLOUD, Scott. **Reinventando os quadrinhos**. São Paulo: Makron Books, 2006.
- MILLIDGE, Gary Spencer. **Alan Moore**: O mago das histórias. Tradução de Alexandre Callari. São Paulo: Mythos Editora, 2012.
- NICHOLS, Sallie. **Jung e o tarô**: uma jornada arquetípica. Tradução: Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 2007